

☆ 1886 + 1988

## Adeus ao mestre

Foto de Sonoca



As fachadas e bandeirinhas que correram mundo como pura arte

### Vida e arte numa festa

MIGUEL DE ALMEIDA

SÃO PAULO — E lá foi ele. Antes, porém, cravou seu nome na história das artes plásticas brasileiras.

Esta tal história não é das mais significativas. Tenha-se na perspectiva que ela integra um movimento artístico desenvolvido pelo mundo. Não há pintura brasileira — há, somente, pintura. Principalmente por ser um elemento extremamente informado, internacional. Dona Anita Malfatti nunca esteve à frente de qualquer coisa; Tarsila perseguiu Léger; Sagall e Portinari — bem, deixa para lá.

Volpi, esse artesão italiano, ex-operário, falastrão, um jeito minimalista de ser. Sua obra é original, digital, um verdadeiro vulcão. Ela não parece ter sido inspirada em qualquer outra corrente ou nome. Talvez o único ponto de aproximação seja Max Bill — um sujeitoinho que sugeriu sonhos a Lygia Clark, Flaminio e alguns outros. Só que Dom Alfredo Volpi é um artista bruto, onde as referências passam batidas, servem unicamente como pequenas informações.

Não se trata de retórica. Durante a estadia da exposição "Modernidade" em Paris, as obras de Volpi eram as que mais provocavam comentários — dos críticos e do público em especial as crianças, capturadas pela sua ousadia de cores. Dentro do contexto da chamada arte moderna brasileira, ao lado de Di Cavalloti, Volpi é dos pontos luminosos.

Quando acena ao concretismo, naqueles anos 50 é um discreto cumprimento. É justamente quando sente-se influenciado por Max Bill. Na verdade, é um toque, um afago, porque, em seguida, Volpi empina suas asas e segue sua inspiração, abandonando companheiros de viagem.

Mire-se o grupo Santa Helena. Totalmente influenciado por escolas européias, com linhas próximas à Escola de Paris, para não anotar as cores básicas sugeridas por Pablo Picasso ou pelo grande Matisse. Some-se a isso o ingrediente ideológico, arte engajada, personagens empresta-

dos à multidão. Não havia o componente espontâneo, o relaxamento intelectual que transforma a realidade numa aventura de ficção.

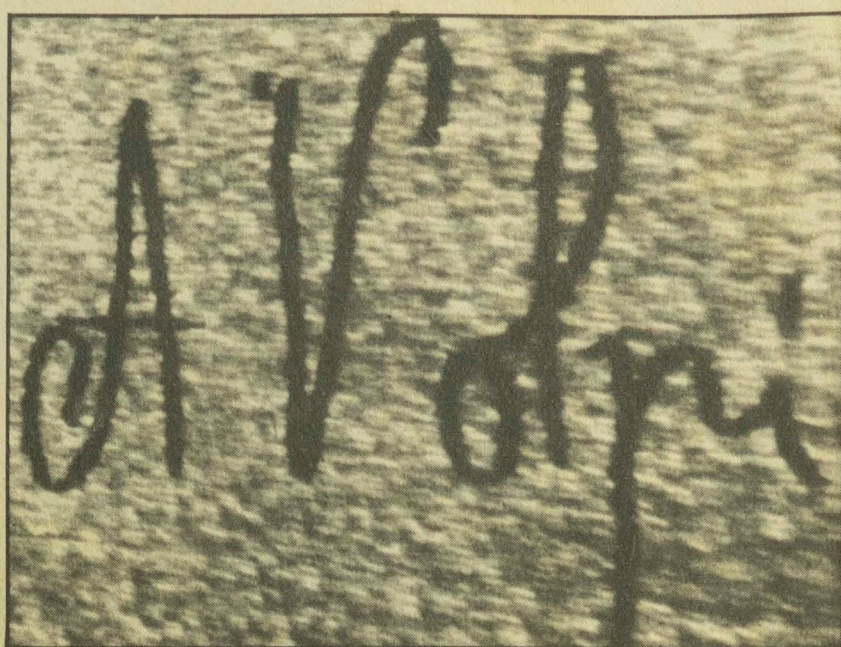
O italiano não se mistura nesses périplos ideológicos. Quando a arte volta-se para os painéis, os tais murais, Volpi está fascinado pelas bandeiras — um misto curioso de figurativo, abstrato, o geométrico dos deuses. No instante que a pintura resolve capturar o colorido moderno — isso já se encontra nas mãos do artista.

Longe das oscilações sociais, das discussões políticas, Alfredo Volpi é quem mais conseguiu resolver a dicotomia arte x política. Havia em tudo um componente anarquista — não ideológico, mas roubado à Nietzsche: vida e arte se misturando em uma imensa festa.

Interessante que os teóricos de arte não mencionem Alfredo Volpi como o verdadeiro artista modernista. Este crédito sempre é dado a Tarsila do Amaral. Mas é o italiano, distante de amazônicas discussões, quem mais capta o espírito proposto por Mário e Oswald de Andrade. Aquela teoria toda em torno dos telhados, das cores das casinhas mineiras, da ousadia pictórica popular — isso Alfredo Volpi praticou sem discutir no meio do bar.

Como poucos, esteve nas festas juninas, religiosas, no interior do coração brasileiro. Só que em instante algum ele se torna um mero retratista da paisagem, um diarista europeu em terras tropicais. Sua apreensão é sofisticada, molecular. O italiano enxerga geometricamente os prados, as casinhas e as cidades. Não se mostra fascinado pelo volume de tons emitidos pelos brasileiros — herança árabe, portuguesa, otomana. Le ia-se: o folclore esquerdista da pintura modernista brasileira jamais encantou nosso herói de hoje. Enquanto quase todos mostravam-se aninhados com o figurativo popular, ele optou pela redução e contenção dos rios. Algo difícil, porém heróico, para quem vivia cercado de teóricos exaltadores dos mananciais.

Aos seu olhos nunca existiu exótico. Somente aconteceu o lúdico. Depois de hoje, o mundo ficou ainda mais triste, droga.



Telafeto de Antonio Moura



Volpi gostava de pintar descalço, sem camisa e era amante dos vinhos e de um cigarro de palha

DENISE LIMA

SÃO PAULO — Foi em um dia de festa junina que Alfredo Volpi inspirou-se para pintar as famosas bandeirinhas que o celebrizaram, nas artes plásticas, como marca pessoal e intransferível. Um pouco mais e ele teria conseguido ver mais um desses períodos de ruas e arraiais embandeirados, com as cores que tanto amava: Volpi morreu na noite de anteontem, aos 92 anos, vítima de insuficiência cardíaco-respiratória e foi sepultado no jazigo da família, no Cemitério de Vila Mariana.

Nos últimos dois anos, o artista já vinha se sentindo enfraquecido e, desde março, tinha problemas respiratórios que se agravaram por volta das 20h de sábado. A filha Eugênia e o genro Gize, com quem morava no bairro do Cambuci, levaram-no ao Pronto-socorro Cardiológico de São Paulo, onde ele morreu às 21h15m.

No velório, artistas, parentes e colecionadores de arte lembravam que as qualidades de Volpi, como ser humano, superavam as do artista que, mesmo depois de reconhecido dentro e fora do País, conservava a mesma humildade dos tempos em que revelava seu talento pintando murais.

A artista plástica Tomie Othake disse que as artes plásticas nacionais perderam seu maior pintor mas ela, particularmente, ficava sem "o colega, o mestre e, acima de tudo, o amigo". Nos últimos tempos, contou ela, Volpi queixava-se de falta de ar: "E já que a morte era inevitável, podemos pelo menos nos consolar com o pensamento que ele não sofreu muito".

A neta Patrícia, 14 anos, era amparada por amigas e lamentava a perda do avô de quem se orgulhava: "Era meu melhor amigo". Ermelindo Flaminghi, velho amigo de Volpi mal conseguia falar, enquanto o colecionador Ladi Biezus garantia que de agora em diante tudo será diferente para ele que há 10 anos frequentava o ateliê de Volpi todos os sábados.

umas 50 pessoas acompanharam o sepultamento, sob a chuva persistente. Não era aquele céu cinzento, certamente, que agradava o pintor. As cores que ela amava eram as das flores e dos muitos arranjos que cobriam seu túmulo na última homenagem.



Poucos amigos foram ao enterro de Volpi, sob chuva, no Cemitério de Vila Mariana

### Bandeirinhas de brasileiro

SÃO PAULO — Alfredo Volpi, com apenas 2 anos, chegou no Brasil com os pais Ludovico e Giuseppa e o irmão Cirillo. A família estava autorizada para uma permanência de um ano, pelo então Rei da Itália, Humberto I, como atesta um documento datado de 12 de outubro de 1889. O menino Alfredo, porém, jamais voltou a morar na cidade de Luca, onde nasceu. E, embora não tenha se naturalizado, Volpi manteve sempre um coração de brasileiro.

Gostava das cores do Cambuci, bairro onde viveu até a morte, dos casarios do Bixiga de forte influência italiana. O apogeu, como artista plástico, porém, só aconteceu nos anos 60, com as famosas bandeirinhas. Mas, até chegar lá, ele já havia percorrido vários caminhos.

O sobrinho Antonio Vituzzo expunha, ainda ontem, uma pequena retrospectiva da carreira de Volpi: um crayon, em que retratou a sobrinha em 1951; um jarro de flores (anos 30); a feira do Cambuci (anos 20); e, enfim, as bandeiras em tons de rosa e azul, dos anos 60 a 70. Destaca-se uma aquarela, técnica que Volpi pouco usou e que fez na década de 50, numa viagem à Itália.

As lembranças estão por toda parte e, para alegria de muita gente, foram salvos pedaços do painel sobre as "Quatro Estações", que Volpi pintou no muro de uma casa no Cambuci, em 1936. O restante ficou destruído, perdido no tempo, recoberto com tinta comum por mãos que nada tinham a ver com arte. Pena que não se guardaram também os logotipos e rótulos de cerveja Malzbier, feitos mais por questão de sobrevivência. Afinal, o nome Volpi só passou a ser reconhecido no meio das artes plásticas quando ele ganhou o primeiro prêmio da Bienal de São Paulo, em 53. Em 1922 ele se dizia um "operário das tintas", pintando painéis, flores para poder se sustentar. Sem nunca ter concluído o curso primário, depois de ter estudado numa escola italiana no bairro do Cambuci, aos 12 anos teve que enfrentar o tra-

balho numa tipografia, ganhando 500 mil reis por dia.

No final dos anos 20, a alma de artista manifestava-se na pintura de originais de estampas religiosas. As coisas começaram a mudar quando integrou o chamado Grupo Santa Helena, em 1933, ao lado de Reboilo, Clóvis Graciano, Mario Zanini e Flávio Penacchi. Nessa época já estava vivendo com a mulata Judite (ela morreu em 1972), com quem teve a filha Eugênia, em 1943.

Esprito humanitário, Volpi tinha também um lado curioso: gostava de adotar crianças e houve época em que teve 19 "filhos" adotivos. Aos poucos, eles iam se dispersando, vinham outros e hoje ainda há três — Djanira (que esteve no velório), Paulo José e Alfredo José.

A primeira exposição individual de Volpi só aconteceu em 1944, quando ele já simplificava suas figuras. Chegou ao abstracionismo. Em 54, depois que viu uma cidade embandeirada para as festas juninas, entregou-se ao concretismo. A partir de uma forma geométrica, o quadrado, tirava um triângulo na parte inferior. E lá surgiam as bandeirinhas que o levaram ao auge da carreira, em 1960.

Engraçado é que embora não negasse a fonte inspiradora, Volpi às vezes embarçava os curiosos sobre o significado de sua obra. Nos anos 70, perguntaram-lhe se ainda pintava bandeirinhas e ele brincou: "Eu nunca fiz isso; quem pinta bandeiras é o Penacchi", passando a pergunta para o amigo conhecido por paisagens de casarios e igrejas com uma bandeira na torre. Viver de bom-humor também foi uma de suas marcas. Ele confessava ter três vícios: a pintura, o vinho e o cigarro de palha.

Engraçado é que embora não negasse a fonte inspiradora, Volpi às vezes embarçava os curiosos sobre o significado de sua obra. Nos anos 70, perguntaram-lhe se ainda pintava bandeirinhas e ele brincou: "Eu nunca fiz isso; quem pinta bandeiras é o Penacchi", passando a pergunta para o amigo conhecido por paisagens de casarios e igrejas com uma bandeira na torre. Viver de bom-humor também foi uma de suas marcas. Ele confessava ter três vícios: a pintura, o vinho e o cigarro de palha.

### UM RARO ARTESÃO-ARTISTA

■ "Como artista, Volpi foi uma figura muito importante, uma figura rara de 'artesão-artista', de uma seriedade e um desenvolvimento muito grande para a arte brasileira. Ele incorporou um movimento brasileiro, quase expressionista, tornando-se abstrato sem perder principalmente a carga de cores. Volpi foi um colorista de uma grande sensibilidade na pintura brasileira. Na década de 60, houve uma série de problemas ao se discutir, e muito, a arte de Volpi. A meu ver, antes de mais nada, ele era um artista intuitivo de incrível sensibilidade que, nos anos 60, pega um tema mais abstrato, o das bandeirinhas, sem deixar de ser um artista intuitivo. Ele foi colocado no grupo concretista, como um porta-bandeira do concretismo, mas seu trabalho não corresponde a este sentido, em minha opinião, pois ele não tinha a problemática intelectual a resolver na arte. Ele tinha, sim, uma grande intuição e uma grande sensibilidade. Aqui mesmo no Rio, no Museu de Arte Moderna, quando realizávamos exposições e debates, surgiu a polémica e ele chegou a me dar razão por considerá-lo um artista intuitivo com certas formas geometrizadas. Passados 20 anos, a gente vê que isso, no fundo, é uma questão secundária. O que importa destacar é a coerência e a alta qualidade de sua pintura, todo o caminho que percorreu e sua obra. Volpi contribuiu muito para enriquecer um momento da arte brasileira, o que não se pode dizer de todo mundo. Ele manteve um padrão, que é das coisas mais difíceis. Mostrar uma genialidade instantânea, em um prêmio, uma exposição é uma coisa, mas ter uma obra de vida inteira é algo que muitos não conseguem fazer. E ele conseguiu".

FAYGA OSTROWER

■ "O Volpi era o grande mestre da pintura brasileira moderna. A obra dele, com um caráter muito pessoal, percorreu um caminho que vem desde o início da Revo-

lução Moderna — porque ele é um pintor que começa com o estilo dos impressionistas e dos cubistas — até a arte abstrata construtiva. A verdade é que a fase mais conhecida, a que ele se impõe em caráter nacional, é com as fachadas porque a arte do Volpi nunca foi desligada da temática cotidiana, do mundo objetivo, nem mesmo da realidade suburbana paulistana em que ele se formou. É uma arte que tem raízes na arte européia — ele numa certa altura, retoma as raízes italianas, vai beber desta fonte — e mistura isso com sua vivência no subúrbio paulistano, onde ele começou trabalhando como pintor de paredes. É a arte e a personalidade de uma pessoa muito simples, com raízes populares autênticas e, em qualquer fase, o grande artista sempre se manifesta".

FERREIRA GULLAR

■ "Volpi foi um dos artistas mais importantes do Brasil ultimamente. Em sua trilha própria, ele mexia com tudo, a união da pintura quase ingênua até o lado abstrato, foi da composição até o pigmento, lentamente. Foi ficando sintético, refinado, depurando sua arte até, chegar ao abstrato. Ele é considerado um dos melhores pintores brasileiros. Melhor que a trajetória do pintor, no caso do Volpi, é sua própria trajetória, impressionante. Ele viveu no Cambuci, em São Paulo, de onde jamais saiu e começou como pintor de paredes e depurou sua arte lentamente, com pequenas modificações. Viveu muito e sobre isso há uma anedota célebre dele: indagado se a vida de pintor no Brasil era muito difícil, ele respondeu que o pior eram os primeiros 60 anos, depois a coisa ficava mais fácil".

CLAUDIO KUPERMAN

**VAGAS LIMITADAS** **INE-RJ** **FACILITAMOS PAGAMENTOS**  
Dir. Reg. Mec. F4-479  
**CENTRAL DE CURSOS**  
Abre inscrições para os cursos de:

**ÁREA ADMINISTRATIVA**

- SECRETARIA EXECUTIVA - Sábados/Tarde - início 11/06 - 100ª turma
- SECRETARIA EXECUTIVA - Sábados/Manhã - início 11/06 - 20ª turma
- SECRETARIA EXECUTIVA - Semana/Noturno - início 01/08 - 22ª turma
- ASSISTENTE ADMINISTRATIVO - Sábados/Tarde - início 18/06
- ASSISTENTE ADMINISTRATIVO - Semana/Noturno - início 25/07
- CARROS E SALÁRIOS - Sábados/Manhã - início 04/06
- CRM-ORGANIZAÇÃO E MÉTODOS - Semana/Noturno - início 06/06
- CRM-ORGANIZAÇÃO E MÉTODOS - Sábados/Manhã - início 18/06
- INTRODUÇÃO AO MARKETING - Sábados/Manhã - início 14/05
- CHEFIA E LIDERANÇA - Sábados/Manhã - início 02/07
- PLANEJAMENTO FINANCEIRO - Semana/Noturno - início 21/06
- INTRODUÇÃO AO MARKETING - Sábados/Manhã - início 30/07

**ÁREA HUMANA**

- RECRUTAMENTO E SELEÇÃO DE PESSOAL - Sábados/Tarde - início 04/06
- RECURSOS HUMANOS-DEPT. PESSOAL - Semana/Noturno - início 09/06
- RECURSOS HUMANOS-DEPT. PESSOAL - Sábados/Tarde - início 25/06
- ETIQUETA SOCIAL E MAQUILAGEM - Sábados/Manhã - início 30/07

**ÁREA TÉCNICA**

- TELEX-OPERAÇÃO - Várias Turmas e Horários 100% Prático
- MANEJO PROFISSIONAL - Sábados/Manhã ou Tarde - início 16/07
- DOCUMENTAÇÃO E ARQUIVO - Semana/Noturno - início 01/08
- TAQUIGRAFIA - MÉTODO MARTI (Universal) - Sábados/Tarde - início 28/05
- TAQUIGRAFIA - MÉTODO MARTI (Universal) - Sábados/Manhã - início 23/07
- VELOCIDADE EM TAQUIGRAFIA - Método Marti - início 23/07

**ÁREA LINGÜÍSTICA**

- PORTUGUÊS-ATUALIZAÇÃO - Sábados/Manhã - início 06/08
- PORTUGUÊS-ATUALIZAÇÃO - Sábados/Tarde - início 23/07
- PORTUGUÊS-ATUALIZAÇÃO - Semana/Noturno - início 20/06
- ESPAÑOL-BÁSICO - Sábados/Tarde - início 25/06
- INGLÊS TÉCNICO-COMERCIAL - Sábados/Manhã - início 09/07
- FRANÇÊS-BÁSICO - Sábados/Manhã - início 30/07

**ÁREA DE INFORMÁTICA**

- OPERAÇÃO DE MICROS P/SECRETARIAS - Semana/Noturno - início 17/06 - 100% Prático
- PROGRAMAÇÃO BÁSICA EM MICROS - Sábados/Tarde - início 30/07
- WORDSTAR - Editor de Texto - Várias Turmas e horários 100% Prático

**ÁREA CONTÁBIL**

- TÉCNICO CONTÁBIL - Sábados/Manhã - início 16/07 - Vagas Limitadas
- ANÁLISE CONTÁBIL E FINANCEIRA - Sábados/Tarde - início 06/06

Aulas no Centro do Rio, certificadas de conclusão ao término dos cursos, material didático próprio, Slides, Som, Retroprojetores, Videofilmes, Microcomputadores e Telex como recursos de aulas.

**Informações e Reservas: 220-3863, 262-0376 e 262-4158**